



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARCELA PEREIRA CROESY DE SOUZA**

**A TRANSMISSÃO DO SABER RELIGIOSO:  
PRÁTICAS DE ESCRITAS COMO PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**MARCELA PEREIRA CROESY DE SOUZA**

**A TRANSMISSÃO DO SABER RELIGIOSO:  
PRÁTICAS DE ESCRITAS COMO PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

S716t

Souza, Marcela Pereira Croesy de.

A transmissão do saber religioso : práticas de escritas como preservação da tradição /  
Marcela Pereira Croesy de Souza. - 2019.

42 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

1. Candomblé - Brasil - História. 2. Comunicação e cultura - Brasil. 3. Comunicação escrita  
- Brasil. 4. Letramento - Aspectos sociais - Brasil. I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 302.2244

**MARCELA PEREIRA CROESY DE SOUZA**

**A TRANSMISSÃO DO SABER RELIGIOSO:  
PRÁTICAS DE ESCRITAS COMO PRESERVAÇÃO DA TRADIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 02/09/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Orientador)**

Doutor - Universidade de Antioquia - Medellín, Colômbia

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Jucelia Bispo dos Santos**

Doutora - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

**Prof. Dr. Alexandre Antonio Timbane**

Doutor - Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o incentivo e colaboração de muita gente ao longo desses meus anos na academia. Acredito que essa trajetória é muito mais que acadêmica, ela se entrelaça com o percurso pessoal da minha vida

Agradeço muito a Deus por essa conquista e por me permitir viver esse momento de alcançar uma formação acadêmica e de “vida” pois foram muitos os desafios enfrentados.

Agradeço aos meus pais (Ana Cristina e Marcelo) por todo incentivo que foi dado durante toda a vida e por ter me proporcionado os estudos durante todos esses anos, são eles os responsáveis por essa conquista. Eterna gratidão, amor e respeito.

Agradeço aos meus avós: a D. Nilza por sempre se fazer presente em todos momentos da vida, por todo carinho, atenção, amor e por me ajudar a concluir mais uma etapa da vida; a D. Lúcia (em memória) pelos seus ensinamentos de Fé e Respeito, por ter em vida me presenteado com sua sabedoria e me inspirado na realização desse trabalho e ao meu avô Valter que sempre foi exemplo de força e coragem e que tenho o prazer de compartilhar essa conquista, por ser a primeira na família a colar Grau.

Agradeço a minha tia Norma- Professora e Doutora em Letras que contei o meu interesse em falar sobre o Candomblé; a partir daí com seu conhecimento, me ajudou na construção do tema, incentivou e ajudou desde o início contribuindo para a realização desse trabalho.

Agradeço ao meu Orientador - Professor e Doutor Denílson Lima Santos por me conduzir desde o início, pelo interesse pelo tema e principalmente pelo incentivo e pela sua paciência que me ajudou a concluir esse trabalho.

Agradeço a todos meus familiares, em especial as minha tias, pelo apoio, pelo que sou e por se fazerem presentes durante todo esse tempo, colaborando para essa conquista. Espero servir de exemplo na família aos que vieram depois de mim como minha irmã Milla e minha afilhada Lara pois tenho certeza que esse desejo me incentivou a finalizar essa etapa.

Agradeço aos meu Tio Edmundo e sua esposa Geovana por me ajudarem na execução desse trabalho e me receberem com muito carinho.

Agradeço às minhas amigas, sou privilegiada por conservar amigos de longa data desde a escola, que se fazem presentes em todos momentos. Em especial a minha amiga Mariana com quem convivo desde a minha infância compartilhando comigo muitas histórias e sua experiência, inclusive essa vivência com o candomblé.

Agradeço aos meus vizinhos e amigos de Ponta de Areia por compartilhar comigo seus conhecimentos e histórias contribuindo para a realização desse trabalho.

Agradeço ao meu amigo Vladimir que tive o prazer de conhecer e conviver durante alguns anos do curso que me ensinou muito com sua presença e conhecimento e a quem tenho muita admiração pela sua coragem e humildade e aos meus colegas de curso Vanise, Sergio e Silvestre por terem me ajudado a concluir essa etapa, por serem parceiros e me acolherem com muito carinho quando cheguei a cidade de São Francisco.

Sou muito grata por essa experiência que foi deixar a minha cidade (Salvador), morar no interior (São Francisco do Conde) para estudar na UNILAB. Experiência essa algumas vezes difícil, mas ao mesmo tempo enriquecedora, foi onde me encontrei, descobri e me reafirmei, enquanto, mulher, negra, de periferia e agora professora, assim, como minha mãe, agora entendo sua luta e seus ensinamentos. Aprendi e amadureci muito nesses quatro anos. Tenho muito orgulho da jornada que percorri. Hoje me sinto mais preparada para vida e os desafios que a acompanham.

Andar com fé eu vou, que  
a fé não costuma "faiá"

**Gilberto Gil**

## RESUMO

A escrita sempre esteve atrelada ao universo dos terreiros. Contudo, diversos estudiosos consagraram o candomblé como um espaço exclusivo da oralidade. É nessa perspectiva que surge a preocupação central dessa pesquisa, a de constatar os usos da escrita nos terreiros de candomblé. Assim, o presente trabalho, resultado de uma pesquisa de cunho etnográfico, tem como objetivo investigar a existência das práticas de escritas nos terreiros de candomblé da Bahia, com uma base teórica pautada na perspectiva do letramento. Por letramento entende-se as práticas sociais de leitura e escrita em que os sujeitos participantes aqui estão inseridos. Em se tratando de uma pesquisa de cunho etnográfico e na tentativa de desenvolver essa temática foram feitas coleta de dados através de questionário, anotações e transcrições das gravações em áudios feitas durante os encontros com o povo de santo, que são os colaboradores dessa pesquisa. As análises feitas nesse trabalho poderão servir de ponto de partida para novos estudos que se preocupem em entender a importância dos diversos usos da escrita feitas por adeptos dos terreiros de candomblé que apesar da sua marca centrada na oralidade, precisa ter as suas práticas registradas para a manutenção da tradição do seu povo, que tem sua relevância histórica e cultural para a sociedade.

**Palavras-chave:** Candomblé - Brasil - História. Comunicação e cultura - Brasil. Comunicação escrita - Brasil. Letramento - Aspectos sociais - Brasil.



## RESUMEN

La escritura siempre ha estado vinculada al universo de los terreiros. Sin embargo, varios académicos han consagrado el candomblé como un espacio exclusivo de oralidad. Es en esta perspectiva que surge la preocupación central de esta investigación, para verificar los usos de la escritura en candomblé terreiros. Así, el presente trabajo, resultado de una investigación etnográfica, tiene como objetivo investigar la existencia de prácticas de escritura en el candomblé terreiros de Bahía, con una base teórica basada en la perspectiva de la alfabetización. Por alfabetización se entiende las prácticas sociales de lectura y escritura en las que se insertan aquí las materias participantes. Como se trataba de una investigación etnográfica y en un intento de desarrollar este tema, se recopilaron datos a través de un cuestionario, anotaciones y transcripciones de las grabaciones de audio realizadas durante las reuniones con la gente del santo, quienes son los colaboradores de esta investigación. Los análisis realizados en este trabajo pueden servir como punto de partida para nuevos estudios relacionados con la comprensión de la importancia de los diversos usos de la escritura realizados por los candomblé terreiros que, a pesar de su marca centrada en la oralidad, necesitan registrar sus prácticas para la escritura. manteniendo la tradición de su gente, que tiene su relevancia histórica y cultural para la sociedad.

**Palabras-clave:** Alfabetización - Aspectos sociales - Brasil. Candomblé - Brasil - Historia. Comunicación escrita - Brasil. Comunicación y cultura - Brasil.

## SUMÁRIO

|              |  |    |
|--------------|--|----|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO</b>  | 11 |
| <b>2</b>     | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>   | 15 |
| 2.1          | DISCUTINDO CONCEITOS: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO                               | 15 |
| 2.2          | ESCRITA E LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL                                       | 17 |
| <b>3</b>     | <b>METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS</b>                                    | 23 |
| 3.1          | PESQUISA QUALITATIVA E EXPLORATÓRIA  | 23 |
| 3.2          | TRAJETÓRIA   | 24 |
| <b>4</b>     | <b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>   | 27 |
| 4.1          | LETRAMENTO E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA ESCRITANA REALIDADE SOCIAL PESQUISADA | 27 |
| <b>4.1.1</b> | <b>A influência católica: usos escritos</b>                                    | 32 |
| 4.2          | A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL E FORMA DE REGISTRO DA “MEMÓRIA” NO CANDOMBLÉ    | 34 |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | 37 |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b>   | 39 |
|              | <b>ANEXO</b>   | 40 |

## 1 INTRODUÇÃO

Os terreiros de candomblé são espaços em que a oralidade predomina. O candomblé é uma religião de matriz africana que tem seus fundamentos baseados na oralidade e esta tem sido uma forma por excelência na transmissão do saber religioso.

Em contrapartida há de se constatar que, ao longo da história das religiões afro-brasileira, o uso da escrita também faz parte do cotidiano público dos terreiros, é o que atesta a obra *Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia*, de Lisa Earl Castillo (2010), ao mostrar a vivência da escrita nos terreiros de forma positiva, reptando a ideia defendida entre acadêmicos e pessoas do candomblé de que a oralidade é o único modo de preservar a tradição.

O candomblé é uma tradição muito antiga, sua origem no Brasil está diretamente ligada com a chegada dos escravizados africanos, trazidos da África na época da colonização (BASTIDE, 1960; SODRÉ, 2002; OLIVEIRA, 2007), nesse período devido ao contexto histórico, principalmente pela perseguição que os escravizados (adeptos da religião) sofriam e devido a forma violenta em que foram trazidos, eram proibidos de praticar sua religião. Sendo assim, a escrita não era comumente utilizada no candomblé, como forma de preservação da religião, os registros da tradição eram camuflados. Devido ao fato de os praticantes da religião serem escravizados no passado, muitos não possuíam acesso a escolarização.

A trajetória da escrita nos terreiros tomou forma no período pós-abolição; os textos eram produzidos por estudiosos, em sua maioria sem vínculo com o candomblé. Contudo, a ideia de registros e técnicas de escritas na transmissão dos fundamentos religiosos é alvo de muitas críticas, mas, não obstante esses conflitos, os textos estão cada vez mais presentes no cotidiano do povo do candomblé, denotando uma forma de resistência. Em sua tese de Doutorado, Elisa Earl Castilho descreve com brilhantismo um trabalho de grande importância para as religiões de matriz africana no Brasil, especificamente no que diz respeito às escritas nos terreiros:

Durante o trabalho de campo para este estudo, encontrei muitas pessoas que consideraram o trabalho dos estudiosos de pouco interesse no que tange os aspectos práticos do aprendizado religioso. Mesmo assim, há, de modo geral, uma valorização da produção dos intelectuais sobre o candomblé, por sua utilidade na criação de diálogo com a sociedade, o que estimulou, portanto, a projeção de uma imagem externa mais positiva da religiosidade afrobrasileira (CASTILLO, 2010, p.16).

Embora haja muitas críticas e a etnografia em geral não reconheça o uso da escrita no cotidiano dos terreiros, Castillo (2010) analisa a transmissão do saber religioso nos terreiros de candomblé entre a oralidade e a escrita, apontando a existência dos textos escritos e um número crescente de pesquisadores externos e praticantes da religião afro-brasileira.

Considerando as mudanças ocorridas na sociedade moderna, com os avanços tecnológicos, há uma necessidade de interação entre adeptos da religião e a sociedade. Pode-se constatar a existência de diversos registros escritos na atualidade por adeptos do candomblé, o que denota uma interação entre esse grupo social com traço característico da oralidade e a sociedade que tem a escrita como forma de dominação. Para compreender as questões relacionadas ao uso da escrita entre adeptos da religião dentro e fora do cotidiano dos terreiros de candomblé e o uso da linguagem no contexto social é de fundamental importância discutir os conceitos de letramento. Para isso, lançamos mão de autores como Magda Soares (2014) e Brian Street (2014).

Ao tratar sobre aspectos do termo letramentos, tomo de início como referência as contribuições de Street para introduzir o tema. Street (2014) afirma que não existe um só letramento, visto que fora da escola se desenvolvem “letramentos sociais” defende ainda que as práticas de escrita e leitura de uma determinada sociedade depende do seu contexto histórico e social e a forma como elas se desenvolvem e são ensinadas dependem da sua formação social. Ressalta-se aqui que mais à frente exploraremos o conceito de letramento e o pensamento sobre este, a partir de algumas autoras e autores.

De tal maneira, o presente trabalho busca analisar as práticas de escritas de um terreiro de candomblé, na Bahia, e, desse modo, responder a seguinte questão: Sendo o candomblé uma religião com o conhecimento restrito, constituído de um “segredo”, as práticas de escritas seriam uma forma de preservação ou traição da tradição? Nessa perspectiva a realização desse trabalho se justifica pela importância de entender a relevância histórica, cultural e social de discutir uma religião de matriz africana no Brasil.

Quero relatar as motivações que geraram esse trabalho acadêmico, junto a isso, o interesse e esforço em compreender a religião de matriz africana: o candomblé, na tentativa de fazer algo novo, para contribuir na diminuição do preconceito existente a esse respeito, ampliando a visibilidade de uma religião muito perseguida e marginalizada na sociedade. As religiões de matriz afro-brasileira são as que mais sofrem perseguição no Brasil, são alvos de ataques físicos, verbais, destruição de imagens e de terreiros, praticar a religiosidade de origem africana no Brasil é sinônimo de resistência, já que vivenciam o racismo e o preconceito diário na sociedade, tendo suas práticas demonizadas por boa parte da população por ser um culto

direcionado aos ancestrais. Para além dos discursos de ódio, os praticantes também recebem ataques institucionais, como recentemente, estava em debate no congresso um julgamento a respeito do sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras, questionando a constitucionalidade, assim, cometendo uma injustiça histórica.

Meu interesse pelo universo do candomblé começou ainda na infância, por influência da minha avó, que era iniciada na religião e foi quem me apresentou o terreiro. Ela era detentora de um saber religioso, o qual a academia desconhece, através da sua vivência no candomblé pude perceber a relevância de discutir a produção escrita do candomblé no espaço acadêmico como maneira de valorizar e visibilizar uma religião com um saber que não está atrelado à ciência, e que descende de ancestrais escravizados os quais até os dias atuais se encontram as margens da sociedade.

A produção textual nos terreiros de candomblé permite a possibilidade de refletir e aprender sobre o universo dos terreiros não abandonando as práticas do saber transmitido através da oralidade. Porém apesar de considerável bibliografia acadêmica (*TERREIROS DE EGÚNGÚN* de José Sant' Anna Sobrinho (2015); *ORIXÁS* de Pierre Verger (2002) e *OS NAGO E A MORTE* de Juana Elbein Santos (1976), *O CANDOMBLÉ DA BAHIA*, de Roger Bastide (1958) ), ainda são muito insipientes aqueles que se dedicam à reflexão acerca da escrita como prática documental no candomblé. A aproximação entre estudiosos acadêmicos e o candomblé pode ser algo positivo para o povo de santo que assim terá sua história e práticas registradas, contribuindo para a preservação da tradição.

Dessa forma, nessa pesquisa, busquei analisar as formas de letramentos sociais existente no terreiro de candomblé, com o objetivo de investigar se a prática e a contribuição da escrita nos terreiros de candomblé se traduzem em traição ou em forma de preservação da tradição para isso foi necessário: pesquisar sobre o saber religioso na escrita nos terreiros de candomblé; analisar entre a oralidade na tradição escrita na escrita nos terreiros de candomblé; demonstrar como os adeptos do terreiro utilizam a escrita para preservar conhecimentos orais.

É importante ressaltar que descrever práticas de letramento de um determinado grupo social é algo que demanda muito tempo, por isso nessa pesquisa me limitei a observar práticas de letramento social em alguns terreiros de salvador, mais especificamente em Itaparica. Para conduzir a problemática, toma-se nesse trabalho bibliográfico de caráter exploratório, as seguintes indagações: Quais são as práticas de letramento encontradas no terreiro de candomblé? De que forma se realiza o letramento social nos terreiros de candomblé? De que maneira a escrita está atrelada ao cotidiano dos terreiros? O saber religioso só pode ser adquirido através da oralidade ou há a presença da escrita nesse processo de aquisição?

No desenvolvimento deste trabalho foram feitas pesquisas e resumos de referenciais teóricos que discorrem sobre a tese, Foram realizadas visitas aos terreiros e domicílio de adeptos da religião, assim como, foram feitas entrevistas com a finalidade de analisar de que forma a escrita está presente entre os adeptos da religião de matriz africana.

Para iniciar essas questões, os conceitos abordados, as observações e relatos serão organizados em capítulos. A seção, Letramento e suas práticas, é abordado concepções de letramentos e alfabetização. A terceira seção aborda a metodologia e a trajetória da pesquisa. Na quarta seção, a análise e resultado da pesquisa: constata o uso da escrita no cotidiano público dos terreiros, faz uma análise do contexto histórico e social do candomblé e aborda as duas vertentes da escrita – como forma de preservação da tradição e como medida de revelar o segredo. Por fim, no quinto capítulo são apresentadas as considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O uso da leitura e escrita traz transformações sociais quer para o indivíduo, tanto para o meio em que este indivíduo está inserido. Quando praticada, possibilita a todos os seres inseridos no meio social uma visão de mundo crítica. É nessa perspectiva que diversos estudos e autores desenvolvem estudos pautados em conhecimentos advindos da prática social. Assim, este capítulo apresenta as discussões de autores sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita relacionados ao contexto social.

### 2.1. DISCUTINDO CONCEITOS: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ao tratar de Alfabetização e Letramento é preciso tecer alguns conceitos, para entender esses processos, distintos e complexos. Inicialmente ao adentrar ao campo semântico que se inserem essas palavras percebe-se uma familiarização com elas, por conta do uso recorrente de termos, com exceção de letramento. Esse conceito, isto é, letramento, é uma palavra nova na língua portuguesa, pode-se dizer que para muitos ainda desconhecida. Para definir e buscar um entendimento desses conceitos tomo como base as contribuições de Magda Soares (2014), acerca do letramento e seu desenvolvimento.

O termo alfabetização foi utilizado durante muito tempo para designar aquele indivíduo capaz de ler e escrever e o seu oposto analfabeto, aquele que não tem conhecimento do ler e nem do escrever. Essas palavras, como citado anteriormente, são de uso recorrente na língua, dentre outros conceitos familiarizados tem-se as palavras analfabetismo, alfabetizar e alfabetização, todas essas designadas para definir a ação, capacidade ou ensinamento da leitura e da escrita. É no campo semântico dessas palavras que surge a palavra letramento. Contudo tomando como base as indagações de Soares:

O que explica o surgimento recente dessa palavra? Novas palavras são criadas (ou as velhas palavras dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos. Que novo fato, ou nova ideia, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, **letramento**? (SOARES, 2014, p.16).

Letramento é um termo atual, uma palavra nova na nossa língua, ainda não compreendida pela maioria das pessoas. Se tomarmos como base os estudos direcionados ao letramento, há de se constatar registros dessa palavra em livros, porém seu conceito não é delimitado.

Soares (2014) esclarece que letramento é uma palavra recém-chegada no vocabulário e sua invenção se deu na segunda metade dos anos 80 e uma das primeiras ocorrências está no livro de Mary Kato 1986: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Em seguida vários outros livros e artigos foram publicados sobre o tema, conseqüentemente torna-se cada vez mais frequente a adoção do termo no discurso escrito e falado dos estudiosos. Soares (2014) argumenta que:

Na língua sempre aparecem palavras novas quando fenômenos novos ocorrem, quando uma nova ideia, um novo fato, um novo objeto surge m, são inventados, e então é necessário ter um nome para aquilo, porque o ser humano não sabe viver sem nomear as coisas: quando nós não a nomeamos as coisas não parecem existir.” (SOARES, 2014, p. 34)

Na língua, como cita Soares (2014), novas palavras são criadas ou as velhas recebem um novo sentido, é nesse contexto de necessidade de uma nova maneira de compreender a escrita no mundo social que surge o termo letramento, é um fato novo e precisa ser nomeado. As palavras antes utilizadas não dão mais conta da nova realidade social. Antes era comum o uso corrente do termo analfabetismo, para designar o “estado de analfabeto” decorrente do enorme problema social do “analfabetismo” no país, era necessário ensinar pessoas a ler e escrever e por isso as pesquisas estavam voltadas para avaliar o índice de “alfabetização” do país. Contudo, a sociedade ao longo do tempo vai se desenvolvendo, centrada cada vez mais na escrita, conseqüentemente o aprender a ler e escrever passa a fazer parte da realidade da maioria das pessoas. Mas o uso da leitura e da escrita ainda não se faz presente, o que configura uma nova realidade social; é preciso responder as exigências da leitura e da escrita que a sociedade exige:

[...] esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultura, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades; além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento.” (SOARES, 2014, p.46).

A adoção do termo letramento vem atender uma nova realidade, decorrente das transformações socioeconômicas, políticas, históricas e culturais da sociedade. A sociedade atual passa a se preocupar com o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais e não somente com o ato de saber ler e escrever, a decodificação de códigos.



Uma vez entendendo o conceito e a importância do surgimento da palavra letramento, segundo Soares (2014), faz-se necessário agora, diferenciar alfabetização e letramento. Frisando mais uma vez Soares, a autora descreve a alfabetização como a ação de ensinar/ aprender a ler e escrever e que o letramento não é somente o estado de saber ler e escrever, mas saber exercer as práticas sociais de leitura e escrita da sociedade que estão inseridos.

Precisáramos de um verbo “letrar” para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento...Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*.” (SOARES, 2014, p.47).

Os conceitos de alfabetizado e letrado são diferenciados por Soares, ela explica que: o indivíduo pode ser analfabeto e letrado, e essa questão ocorre porque o letramento envolve dois fenômenos diferentes e complexos: a leitura e a escrita, como cita a autora. Como observado nas citações de Soares, o letramento está ligado a adquirir um conjunto de saberes vai muito além da aquisição da aprendizagem, o indivíduo quando adquire conhecimentos diversos, sabendo fazer uso na prática social, ele se torna letrado.

## 2.2 ESCRITA E LETRAMENTO COMO PRÁTICA SOCIAL

Há uma consolidação no campo de pesquisa sobre as culturas escritas. Diversas áreas do conhecimento estão pautadas em compreender esse campo complexo da escrita, a relação com a oralidade e sua influência em grupos sociais.

O estudo da escrita é de interesse de diversos pesquisadores, entre eles, linguistas, linguistas aplicados e estudiosos da literatura voltados para desenvolver seus trabalhos sobre letramento, impulsionando reflexões sobre práticas de letramento como construções culturais, sociais e políticas. Anteriormente, pode-se verificar nas pesquisas acadêmicas esforços norteados para julgar a aquisição do letramento, entretanto, nos últimos anos é crescente o interesse pelo letramento com uma visão sociocultural. Diversas são discussões entre a oralidade e a escrita. Tomando como base as contribuições de , Cléci, Burzen presentes na apresentação do livro *Letramentos sociais* de STREET, Brian, pode-se ver que:

As discussões propostas pela linguística sobre as relações entre a “fala” e a “escrita” (cf. Marcuschi, 2001a e 2001b), os diversos questionamentos sobre a concepção de aprendizagem da escrita como algo essencialmente escolar, universal e neutro (Freire, 1975; Soares, 1998; Kleiman, 1995) e as pesquisas sobre como adultos não

alfabetizados que convivem em contextos diversos lidam com a escrita na escola ou fora dela (Tfouni, 1998; Kleiman e Signorini, 2000) incitaram novas discussões epistemológicas e metodológicas. Um dos resultados desse contato com os estudos publicados em inglês foi a criação de termos equivalentes a “literacy”, tais como “alfabetismo” e “letramento”, se contrapondo muitas vezes ao conceito também polissêmico de “alfabetização”. Criou-se, assim, um grande desafio para os pesquisadores brasileiros: compreender a escrita não apenas do ponto de vista (psico)linguístico, mas também histórico, antropológico e cultural, levando em consideração as relações de poder.” (BURZEN, 2014, p.8).

É dessa nova abordagem da cultura escrita, abordando os diversos contextos do seu uso fora da comunidade escolar que se inicia uma recente interpelação da escrita. Tem-se em vista as relações de poder e, a partir das investigações passam a examinar a escrita de modo muito mais extensa, recorrendo não somente a esfera da linguística, como também o seu caráter histórico- social. É nessa linhagem de entender a nova visão da escrita, sua relação com a oralidade e as práticas de letramento que surgem as novas concepções a respeito do letramento, o letramento como prática social, o que Street define como “Novos estudos do Letramento”, conduzindo o trabalho relativo a diversos tipos de Letramento, que denominou “Letramentos Sociais”. Contraria, assim, a ideia do letramento como uma “técnica”, defendendo o argumento de que o contexto vai determinar ou conduzir dada forma de comunicação. Segundo Marcuschi (2010):

O letramento (literacy), enquanto prática social formalmente ligada ao uso da escrita, tem uma história rica e multifacetada (não linear e cheia de contradições), ainda por ser esclarecida como lembra Graff (1995). Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Nesse sentido pode ser vista como essencial a própria sobrevivência no mundo moderno [...] (MARCUSCHI, 2010, p.16).

Há de se constatar que a tradição oral está presente na realidade de todos os povos, mas poucos possuem uma tradição escrita. No entanto, os usos da escrita ao se fazer efetivo na sociedade, adquire imediatamente um status de poder, constituindo o seu valor social. Os indivíduos inseridos em uma sociedade escrita como a nossa, estão sob influência das práticas de letramento, mesmo que esses não sejam alfabetizados, termo discorrido aqui. Vale a pena lembrar que a alfabetização e o letramento são realidade distintas e o letramento é diverso. Por essa via, Street (2014) afirma que o letramento não é a aquisição da escrita, existe fora do contexto escolar, diversos tipos de letramentos. Estes são chamados “letramentos sociais” como já citado aqui há pouco. É no enredamento desse processo que a autora Ana Lúcia Souza dedicou seus estudos para entender práticas de letramento de uma determinada cultura, fora do contexto escolar. Souza (2011) fundamenta sua pesquisa de doutorado para analisar as práticas

de letramentos existentes no uso da linguagem da cultura *hip hop* e de que maneira essas práticas que por sua vez, instigam a leitura, a oralidade e a escrita influenciam na construção das identidades sociais dos ativistas. No livro *Letramentos de Reexistência - Poesia, Grafite, Música, Dança - Hip-hop* (2011), a autora aponta para a diversidade de práticas letradas com destaque para uma juventude negra que integra a cultura hip hop no Brasil e se encontram a margem da sociedade, devido a imensa desigualdade social existente. Ela retrata como esses ativistas na sua comunidade e na socialização do grupo a qual pertencem, atuam como agentes de letramentos, reinventando e superando o trabalho feito em sala de aula. É por meio da interação e da linguagem da cultura hip hop, que muitos sujeitos mudam suas práticas letradas, se tornando percussores históricos, políticos e culturais, reinventam a sua realidade, contestando a realidade escolar. É por meio dessa construção social e política da cultura hip hop que é possível constatar múltiplos letramentos fora da escola.

Nesse sentido, essa pesquisa se insere no contexto de perceber e analisar as práticas sociais da escrita como uma forma de “letramentos de reexistências”. Dessa forma, no que se refere aos Terreiros de Candomblé, com o aporte de Rabelo (2014) na obra *Enredos, feituradas e modos de cuidado. Dimensões da vida e da convivência no candomblé* e Castillo (2010), que faz uma abordagem entre a oralidade e a escrita nos terreiros de Candomblé da Bahia (tema da sua tese de doutorado) É possível, através de esses aportes teóricos discorrermos em relação à existência de práticas de escrita nos terreiros. Além disso, observar como a oralidade se constrói para transmissão do saber religioso e de que modo esses conhecimentos se estabelecem como prática social.

### 2.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

O candomblé possui uma formação histórica afro-brasileira, como descrita por Verger (2002) na obra *ORIXÁS* que remonta as origens da religião Afro-Brasileira. Descrevendo, assim sua característica histórica, desde sua influência na África até sua formação no Brasil, mais especificamente na Bahia. São com base nessas origens históricas que o candomblé se insere na sociedade até os dias atuais, denotando espaços de luta e resistência. As constituições dos terreiros de candomblé encontram-se em comunidades periféricas ou próximo aos grandes centros urbanos, em sua composição é possível perceber em muitos terreiros pessoas negras e pobres, uma minoria com mais escolarização, é nessa perspectiva que Rabelo (2014) fundamenta sua pesquisa nos terreiros e descreve as relações e conhecimentos advindos dos terreiros. Dessa maneira, percebe-se aí o letramento como prática social. A autora descreve o

cotidiano dos terreiros e as relações que são estabelecidas entre os adeptos, verificando que as práticas, as relações e os modos de vida dos sujeitos desse grupo geram o desenvolvimento de saberes. Assim, pode-se dizer que é um aprendizado que a sociedade, de maneira geral, e a academia desconhecem e por conta da sua origem histórica afro-brasileira, coloca à margem da sociedade. Na sociedade moderna, só é considerado saber o conhecimento que parte da escolarização, colocando em um lugar de prestígio em detrimento de outras formas de leitura e escrita do mundo.

Na perspectiva de adeptos do candomblé e alguns estudiosos, Castillo (2010) analisa que:

[...] a aquisição do saber religioso decorre da integração social do indivíduo à vida da comunidade, o que estimula uma compreensão intuitiva. Quando se vivencia o dia a dia, surgem inúmeros e efêmeros momentos durante os quais pequenos atos de aprendizagem transcorrem de uma forma despercebida, sem o artifício de aulas e provas, levando a um conhecimento que se torna aparente apenas depois (CASTILLO, 2010, p. 29).

Ainda na concepção de Castillo (2010), é possível perceber, práticas, trocas e interação entre sujeitos da religião, em que o conhecimento que constitui o contexto social está fora da escola. O saber é adquirido através da prática, a leitura serve de complemento para o conhecimento. No entanto, para muitas o conhecimento só será adquirido se a oralidade, leitura e escrita estiverem atrelados à prática.

No meu contato com pessoas dos terreiros, a superioridade do saber adquirido através da prática foi frisada constantemente, até por pessoas com nível superior de escolaridade que, em outros aspectos das suas vidas, colocaram grande importância na leitura e na análise intelectual [...] (CASTILLO, 2010, p.29).

Castillo (2010) assinala em sua pesquisa “a valorização, no âmbito religioso, do aprendizado que surge através da convivência” (2010, p. 28). Entretanto, mesmo sendo um espaço predominante da oralidade e o conhecimento ser gerado pela prática e experiência, Castillo (2010) aponta os saberes produzidos nos terreiros de candomblé, a partir de uma investigação sobre o uso da escrita há tempos nos terreiros.

Conforme Castillo (2010), o uso da escrita no candomblé remete a vários acontecimentos históricos, por exemplo, “[a]muletos contendo pequenos escritos foram utilizados no Brasil desde o século XVI.” (2010, p.79). Dessa maneira, destaca-se a influência de prática dos povos como os malês. Esses povos islamizados fabricavam amuletos, “esses amuletos ou patuás continham, como vimos, anteriormente, pequenos textos, escritos em

caracteres árabes.” (2010, p.80). Diante disso, sabe-se que os “[p]atuás são usados ainda nos terreiros de candomblé, mas as rezas que contém hoje são católicas” (2010, p.81) e os patuás contemporâneos em sua maioria não possuem registros escritos, segundo a autora.

Hoje em dia, na prática dos terreiros de candomblé é possível observar o uso da escrita pelo povo de santo, muitos adeptos permitem o uso da escrita em suas práticas, mesmo sendo um espaço em que a transmissão do saber ocorre por via oral e experiencial. Castillo (2010), aponta a existência de usos mais públicos da escrita até os mais privados como “cadernos de fundamento” que auxiliam na aprendizagem e as crescentes pesquisas e trabalhos acadêmicos publicados por parte de estudiosos a respeito da religião afro-brasileira contribuindo para a preservação à tradição. Ainda segundo concepções da autora os usos mais públicos seriam os mais visíveis, como as festas populares do Dois de Julho em que várias pessoas, como forma de demonstrar a sua fé, entregam suas oferendas e fazem pedidos até mesmo escritos nos pés do caboclos, “entre as práticas envolvendo a escrita que abrem os caminhos para a comunicação para o *orun*, talvez as mais visíveis sejam as associadas com os caboclos” (2010, p. 81). Já “a prática mais privada de todas as que envolvem a escrita, entretanto, é a do caderno de fundamento, um registro de fundamentos religiosos utilizado como auxílio a memória” (2010, p.87). Essa inserção da escrita nas práticas do povo de santo denota não somente a contribuição que essa exerce na aprendizagem dos fundamentos referentes a religião de matriz africana, mas também ao uso social da escrita. O uso da escrita no candomblé é o ponto de partida para iniciar aqui o estudo sobre o letramento. Assim, nesse contexto do candomblé há de se inferir que adeptos da religião fazem uso da leitura e da escrita. Os seus usos estão relacionados a um conhecimento compartilhado entre membros da cultura que estão inseridos. Sendo assim, possuem sua própria linguagem, atribuindo a escrita sentido próprio na qual a comunicação existe para aqueles que pertencem ao meio, como citado aqui anteriormente os amuletos, as oferendas e os símbolos utilizados nos terreiros, compartilham de uma forma de escrita. Assim, observa-se que pode se dizer que a escrita, de igual modo a leitura, não estão vinculadas apenas a decifrar códigos linguísticos. Elas podem se fazer de múltiplas formas, ou seja, um indivíduo pode obter uma aprendizagem significativa através das experiências adquiridas no grupo social ao qual pertence. Entretanto, é necessário, na sociedade atual, saber fazer uso das práticas sociais, mas também adquirir a habilidade de decodificar códigos para que o indivíduo se torne alfabetizado e letrado participando efetivamente da sociedade.

O problema dessa pesquisa, portanto, seria investigar as práticas de escrita existentes nos terreiros de candomblé e como se configura em formas de letramentos. No decorrer dessa pesquisa será relatado o percurso percorrido ao longo desse estudo e serão analisadas entrevistas

feitas com diversos adeptos da religião, relatando suas experiências, conhecimentos e vivências e de que forma fazem uso desse saber partilhado dentro da sua comunidade religiosa.

Embora seja um trabalho etnográfico, envolveu também um afazer teórico, durante a preparação do trabalho houve a necessidade de avaliar e descrever algumas abordagens que teorizam sobre a prática no Candomblé, para isso foi utilizado o material de campo dialogando com a teoria do letramento.

### 3 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo apresenta os procedimentos utilizados na elaboração deste trabalho, como a coleta de dados e pesquisa bibliográfica, além de uma breve discussão dos resultados obtidos na execução da pesquisa.

#### 3.1 PESQUISA QUALITATIVA E EXPLORATÓRIA

O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, estudo de campo e coleta de dados. A coleta de dados foi baseada na observação presencial e em entrevistas com membros do terreiro, bem como registros em caderno de campo. Foram realizadas visitas a casa religiosa para acompanhar as práticas diárias do povo de santo.

A primeira etapa da pesquisa foi constituída de estudo bibliográfico, buscando coletar informações em artigos e trabalhos acadêmicos. A pesquisa bibliográfica está baseada nos livros: *Entre a oralidade e a escrita: A etnografia nos candomblés da Bahia*, Lisa Earl Castillo (2010); *Terreiros Egúngún. Um Culto Ancestral Afro-Brasileiro*; José Santana Sobrinho (2015); *Letramento*, Magda Soares (2014); *Letramento Sociais*, Brian Street (2014); *ORIXÁS* de Pierre Verger (2002); *ENREDOS, FEITURAS E MODOS DE CUIDADO. Dimensões da vida e da convivência no candomblé*, Rabelo (2014); *Letramentos de Reexistência - Poesia, Grafite, Música, Dança - Hip-hop*, Ana Lúcia Souza (2011).

O trabalho bibliográfico apresentado aqui objetivou estudar as concepções de letramentos e alfabetização levando em consideração a escrita no contexto dos terreiros de candomblé. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, desenvolvida com auxílio de pesquisa de campo em terreiros de candomblé de Salvador, do recôncavo baiano e de Itaparica. Sendo assim, no estudo conta técnicas relacionadas à etnografia, como observação, questionários e entrevistas.

A pesquisa qualitativa é um método científico de caráter subjetivo do objeto que se preocupa com questões da realidade, estudando as particularidades desse objeto, trabalhando com os processos de comportamento, escrita, oralidade e práticas de letramento; que não são quantificáveis.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e

dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 2001, p.6).

Tem como finalidade extrair dados descritivos decorrentes da aproximação do pesquisador com o objeto.

Dentre os métodos qualitativos, recorri ao exploratório. A fase exploratória é segundo MINAYO (2001):

o tempo dedicado a interrogarmos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo. Seu foco fundamental é a construção do projeto de investigação. Em seguida, estabelece-se o trabalho de campo que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. Essa etapa combina entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico, instrucional etc. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias” (2001, p.8).

O método exploratório consiste na familiarização do pesquisador com o objeto estudado. Permite ao pesquisador escolher as técnicas mais adequadas para conduzir a sua pesquisa, obter conhecimento dos fenômenos que ocorrem em determinado grupo, para através desse conhecimento obtido, o pesquisador elaborar as hipóteses da pesquisa.

Em campo, analisei os fatos relacionados à escrita e a forma de letramento no terreiro, descrevendo com cuidado os fatos observados, mantendo a qualidade das informações contidas. Procurei estabelecer contato com pessoas da religião de matriz africana, para melhor entender a realidade do terreiro, como as relações estabelecidas, suas experiências e vivências. A partir disso estabelecemos relação com os conceitos estudados de práticas de escrita como preservação da tradição. Para observar a realidade dessas pessoas foi fundamental a observação presencial que se aprimorou com as entrevistas realizadas. O estudo de campo foi realizado com o intuito de descrever e obter mais informações sobre as práticas do candomblé, junto com a observação que é complementada com uma entrevista com aproximadamente 15 representantes religiosos a respeito do problema sobre o uso de registros escritos no candomblé.

### 3.2 TRAJETÓRIA

Inicialmente ressalto aqui o uso que faço nesse trabalho, da primeira pessoa. Isso se justifica pelo fato de manter um contato próximo com diversos adeptos da religião, nativos de uma região da Bahia (Itaparica) em que possui sua tradição centrada no candomblé.



Meu primeiro contato com o candomblé foi na infância através da minha avó que era praticante da religião. Foi ainda criança que fui levada as festas nos terreiros de candomblé que a minha vó costumava frequentar na ilha de Itaparica, assim, como todos na minha família. Foi nessas experiências, entre uma festa e outra que começou o meu interesse pelo universo do candomblé. Acreditando não só na importância em combater a intolerância religiosa que acomete o povo do terreiro, mas com o intuito de contribuir para manter viva na memória uma tradição de suma importância histórica e cultural para o país. Nesse sentido, debruicei-me em pesquisar e conhecer sobre essa religião, à medida em que me vejo, por um lado, com uma certa proximidade devido ao meu ceio familiar, e, por outro implicada pelo modelo de pesquisa adotado que me leva a ter um contato maior com os praticantes da religião; contudo, com um outro olhar, o de pesquisador.

Dificuldades surgiram no que se refere a conseguir realizar algumas entrevistas, pois saindo para pesquisa tentei contato com terreiros de candomblé, esses, em que não possuía nenhum conhecido, mas muitos alegavam não poder atender naquele momento pois a casa estava fechada ou por estar realizando na casa o que chamam de “trabalho”. Mas, apesar dos incidentes, conseguir realizar algumas entrevistas, planejadas com pessoas que possuía algum vínculo.

No que diz respeito a entrevista descritas na pesquisa, optei por conservar os sujeitos no anonimato, não revelando nome, as dificuldades que encontrei foram a de coletar a escolaridade dos entrevistados, acredito que por muitos não estarem inseridos nesse contexto de escolarização, tendo sua formação oriunda da vivência no espaço do terreiro.

Foi em fevereiro de 2018, na ilha de Itaparica, que teve início o estudo de campo. Inicialmente busquei contato com adeptos da religião, em Ponta de Areia- pessoas com quem já estabelecia laços por conta da minha aproximação com o local, como citado aqui. A partir, desse período de férias na ilha, busquei contato com algumas pessoas e contei o interesse em realizar a pesquisa e as motivações que geraram esse trabalho, que era a de entender e contribuir para o universo do candomblé. Contudo, os inícios das entrevistas só aconteceram no ano seguinte, começando por Salvador, depois, o recôncavo baiano, finalizando em Itaparica. Quero relatar aqui, como estabeleci o contato com essas pessoas que foram minhas interlocutoras nesse trabalho e abordar os caminhos que percorri para chegar no terreiro.

Assim, começo apresentando a trajetória da pesquisa. Ao todo, trato que foram em torno de 15 pessoas entrevistadas, em sua maioria mulheres. Desses entrevistados por mim, eles tinham a faixa etária entre 20 a 90 anos. A maioria dos entrevistados aqui já possuíam contato anterior ao trabalho, até mesmo por já ter frequentado alguns eventos em seus terreiros.

Das 15 pessoas que participaram da entrevista, 2 possuíam ensino superior e os demais alguns possuíam 1º ou o 2º completo. Dentre as ocupações, entre os que ocupavam a posição de baixa renda tinham: empregadas domésticas, baiana de carajé, marisqueira e pedreiro. Os que ocupavam uma posição melhor no mercado de trabalho eram jornalista, professor e petroleiro, alguns eram líderes religiosos. Quase todos vinham de camadas populares mais baixas, muitos tinham contato com o candomblé desde a infância e a maioria tinham em sua família a origem no candomblé, sendo, pais, avós, parentes e vizinhos praticantes da religião.

As primeiras aproximações ocorreram com visitas a casa de alguns representantes, com a realização das entrevistas para colocar em prática o tema aqui desenvolvido nesse trabalho. Foi em novembro de 2018, em Salvador, em visita a casa de um adepto da religião, no bairro do Imbuí, que dei início às entrevistas. Esses entrevistados começaram a frequentar o Candomblé em um terreiro de Salvador, porém se iniciaram em um terreiro de Dias d'Ávila, terreiro ao qual atualmente são integrantes.

Em dezembro de 2018, com a ajuda de um colega viajei para Cachoeira e São Félix em busca de visitar os terreiros do recôncavo baiano e realizar o estudo de campo. Passando por São Félix, onde uma das casas não foi possível conversar, pois segundo a mãe de santo da casa não poderia receber visita na casa por ser o dia do seu santo. Segui para cachoeira, onde, depois de passar por 3 terreiros e diversas tentativas, consegui em um dos terreiros conversar rapidamente com uma iniciada na religião. A mãe de santo estava de saída e segundo ela não poderia atender naquele momento. Mas foi mais adiante, em outro terreiro de Cachoeira, que me deram permissão para entrar, fotografar e conversar com um dos responsáveis- Pai pequeno da casa (como se apresentou) que me contou que o terreiro se encontrava fechado durante um ano, pois a mãe de santo da casa havia falecido. Em fevereiro de 2019, voltei a Ponta de Areia-Ilha de Itaparica, chegando lá procurei exercer novamente contato com os adeptos e apliquei o questionário com pessoas iniciadas no candomblé de diversos terreiros existentes ali, em torno de Ponta de Areia e Amoreiras. Em conversa com esses integrantes pude observar adeptos da mesma família, iniciados em casas diferentes. Em Itaparica também que se encontra não só o culto dos orixás, mas existe o culto aos Egunguns (nome que se dá aos espíritos de pessoas iniciadas nessa religião, já falecidas), esse culto possui características e sacerdotes diferentes do culto aos orixás.

Na próxima seção serão trazidas a descrição das entrevistas e visitas desenvolvidas no decorrer da pesquisa entre adeptos da religião de matriz africana de diferentes lugares da Bahia, como foi citado aqui. A partir disso, serão devidamente elencadas as práticas de escrita e letamentos observadas nesse contexto.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após feita a coleta de dados como já foi citado anteriormente, os passos que se seguem são de análise e discussão desses dados.

### 4.1 LETRAMENTO E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA ESCRITA NO CANDOMBLÉ

O Brasil, com a chegada dos portugueses durante o período colonial, se tornou palco de diversos conflitos. As relações estabelecidas entre povos de diferentes regiões do mundo não aconteceu de forma pacífica. A colonização branca portuguesa ao aportar no Brasil dizimou vários grupos étnicos já existentes. Esses processos coloniais foram marcados por extrema violência e destruição tornando alguns povos subalternizados. Esses eventos de sujeitos dominadores e povos dominados acarretou diversos prejuízos aos grupos étnicos (indígenas) que se encontravam no Brasil. Esses grupos tiveram reduzidas e mortas sua diversidade linguística, religiosa e cultural. Foi nesse contexto histórico que a colonização perpetuou-se durante séculos.

Com o tempo, esses invasores Portugueses passaram a perseguir diversas etnias africanas que foram arrancados de suas terras e trazidos para serem comercializados no Brasil de forma desumana. Esses africanos trazidos a força para o Brasil, aportaram entre o Rio de Janeiro e Salvador. “Os europeus já tinham, nessa época, conhecimentos sobre a cultura dos povos africanos, as linhagens das famílias, o costume da escravidão doméstica entre eles e sobre as trocas de mercadorias, inclusive trocas humanas por dívidas.” (Sobrinho, 2015, p.29).

Trazendo as contribuições de Verger (2002) a quem em sua vinda para o Brasil, em especial na Bahia dedicou-se a estudar a religião de matriz africana, faço um apanhado histórico da religião de matriz africana no Brasil para melhor compreender a sua conjuntura na sociedade atual.

Os navios negreiros transportavam através do Atlântico, durante mais de trezentos anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também a sua personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças. (Verger, 2002, p.23).

Nesse sentido, que o candomblé surge no Brasil, como uma religião de matriz africana, transplantando sua memória, ritos, costumes, línguas e cultura contribuindo para a formação da sociedade brasileira.

Desde os tempos remotos, quando escravizados foram trazidos para o Brasil provenientes de diferentes regiões de África, de maneira desumana, que se difundiu no país o que Verger (2002) denominou de Novo Mundo. Essa migração forçada que perdurou por séculos, disseminou variadas práticas culturais e religiosas. A multidão de cativos trazidos de diversas regiões, com hábitos e religiões distintas, além de não falarem a mesma língua, ao adentrarem o país provenientes do tráfico de escravos, difundiram um novo modelo de sociedade. O contato entre os africanos e seus descendentes na sociedade brasileira fez emergir novos conflitos que servem de subsídio para compreender as lutas (antirracistas e de intolerância religiosa), assim como as formas de resistência que acomete o povo negro e suas dimensões sociais e culturais para reafirmarem os seus ideais de ancestralidade; bem como o lugar de protagonistas na construção de uma identidade e representatividade social. Pois, se voltarmos o olhar para a história, veremos que a desigualdade e preconceito se perpetuam até os dias atuais. Tudo isso se deve ao fato de que em dado momento alguns se apropriaram do poder perante a sociedade, foi o que aconteceu em África que durante muito tempo a cultura hegemônica considerou como um continente sem história, predestinado à Europa.

Portanto, guardando, reelaborando e reestruturando no novo ambiente os antigos africanos, aqueles que foram retirados e trazidos à força para o Brasil souberam, a partir de sua filosofia própria de encarar as diversidades da vida nutrir seus conhecimentos religiosos dinamizando- os no novo continente e, conseqüentemente, no Brasil, construindo uma nova estrutura civilizatória em um novo contexto, para sobreviver e legar as futuras gerações um saber diferenciado, fruto das reuniões religiosas dos vários núcleos originais que aqui chegaram (Ketú, Oyó, Ijexá, Dahomé, Congo, Angola e Tapa-nupe) (Sobrinho, 2015, p. 30-31).

É nesse sentido que o conceito de Letramento de Reexistência defendido em Souza (2011) assume sentido. Em uma sociedade em que privilegia apenas um tipo de conhecimento tradicional, marcado pela escolarização, qualquer grupo social que esteja fora dessa sistematização, precisa reexistir, mantendo não somente os seus valores, mas questionando e afirmando seu lugar de atuação perante a sociedade.

Ana Lúcia em sua obra evidencia o Hip Hop como um movimento de Reexistência de uma juventude negra e periférica que possui uma linguagem própria, com seus valores históricos e culturais oriundas do seu grupo social e um papel importante no que diz respeito ao posicionamento desse povo negro na sociedade, afirmando seu espaço. Mas antes de falar do Letramento Social de determinado grupo é preciso entender a inserção desse grupo no contexto externo (sociedade), assim como fez Souza (2011) ao retratar o universo do Hip Hop.

Ao olhar o universo do Hip Hop nos deparamos com um mundo de representações, símbolos e práticas, onde jovens tentam marcar a sua identidade. É uma produção artística, cultural e política que serve de embasamento para diversas discussões, principalmente por pertencer a uma cultura que vem se consolidando cada vez mais. A dimensão cultural que tem alcançado grupos como esses, representam ao meu olhar a configuração de um novo tempo, ou se comparado a séculos passados, com a chegada de escravizados no Brasil, um Novo Mundo, como denominou Verger (2002).

Esse novo tempo contribui mesmo que lentamente para a projeção de um novo ensino com uma filosofia cultural de base africana, servindo de parâmetro para fortalecer as nossas raízes históricas, a nossa ancestralidade, deixando para trás as velhas estruturas de dominação racista. Em prol de uma educação democrática pautada em contribuir para o conhecimento da história e cultura afro-brasileira, faz-se necessário a criação de leis comprometidas com as lutas antirracistas, como ressalto aqui, a criação da lei nº 10. 639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas visando uma mudança no sistema de ensino, voltada a promover a étnica, racial e social. A nova lei é uma ação afirmativa que contribui para o reconhecimento da cultura africana e para uma reparação histórica da população negra que é acometida a uma visão estereotipada com bases no eurocentrismo que a coloca as margens da sociedade. Ao compreender essas questões, acredito que com os terreiros de candomblé é possível reafirmar a africanidade e continuar lutando contra o preconceito.

A busca por identidade é constante, é preciso a todo tempo se reafirmar, ressignificar enquanto negros que precisam descobrir as suas origens, por conta da violência que foram acometidos, tendo sido submetidos a todo tipo de crueldade e humilhação humana. É nesse contexto que está inserido o candomblé, uma religião afro-brasileira com suas “raízes” na África.

Rabello (2014) aponta para um dos pontos importantes que configura a trajetória dos iniciados no candomblé que é o movimento de retorno as origens, retomar as heranças dos seus ancestrais ou das gerações que a antecederam.

Este é precisamente o movimento através do qual o candomblé busca conduzir os seus adeptos – em direção a um futuro que volta ou reassume o passado, refere-se, é claro, a eventos que foram iniciados por outros (as obrigações religiosas das gerações passadas são herdadas pelas mais novas, e é preciso voltar a elas). O discurso de muitas lideranças está diretamente ligado a noção de ancestralidade, a partir da qual o candomblé se define como religião que reconecta seus adeptos à África (Rabello, 2014, p.77).

Sendo assim, a ancestralidade cultuada no candomblé e o registro de suas práticas são mais que rituais, denotam práticas sociais arraigadas de pertença e essencial na afirmação da identidade do povo negro Brasileiro. O terreiro de candomblé sempre funcionou como um espaço muito mais próximo da cultura africana, pois fora o que se encontrava era muito distante; era uma sociedade branca e eurocêntrica.

O candomblé possui uma cultura voltada para a ancestralidade, com uma organização comunitária diferente da sociedade, obedecendo a uma hierarquia em que o negro ocupa as funções de altos cargos, isto é, o aprendiz obedece a essa hierarquia. “O aprendiz no candomblé procede segundo as linhas que estruturam a vida social do terreiro, e aí domina a hierarquia: a autoridade e o conhecimento estão, ao menos idealmente, concentrados nas mãos dos mais velhos no santo.” (Rabello, 2014, p. 111). Como conta uma adepta da religião que entrevistei:

Aprendi com meu pai, tem meus tios que ensina, meu tio que é Ojé velho e meu pai que também é Ojé da casa que ensina, ensinava a gente a cantar e dançar e ao mesmo tempo o horário da roda também as nove horas a roda de candombré e quando é umas dez, onze horas termina a roda e aprendi com meu pai e meus tios também que me ensina.”

Ao analisar o universo do terreiro, constata-se que o candomblé, além de religião, é uma escola com suas formas de se vestir, comer, se colocar, em que línguas como iorubá e as bantos são ensinadas. Como relatado por um dos meus interlocutores sobre sua vivência no terreiro: “ tem uma pessoa no terreiro que faz as anotações e eles dão um livro para a gente aprender a falar iourubá no terreiro. Aprendi com Vó a dançar, cantar as músicas. Sei muita coisa em iourubá. Eu tomava aula de música e dança lá no terreiro.”

Esse aprendizado que não parte da escolarização deve ser valorizada e confirma uma forma de letramento o que os novos estudos buscam desenvolver. Trazendo os apontamentos de Soares (2014), os relatos da informante abordam que é possível inserir um indivíduo no mundo letrado, através de atividades variadas, como histórias, vivências e conhecimentos de mundo.

Os novos estudos de Street (2014), Soares (2014) representam uma mudança na maneira de avaliar o acesso à leitura e à escrita no nosso país, seguindo as contribuições de Soares (2014), há uma inserção do ler e escrever nas práticas sociais, o que Street (2014) aprofundou trazendo o conceito de Letramentos Sociais. A pessoa pode não saber ler e escrever, mas se faz uso da escrita ou se envolve em práticas sociais de leitura e escrita, ela se torna de certa forma letrada.

Segundo as concepções de Soares (2014) e Street (2014): o letramento hoje assume um novo significado que parte do uso social da leitura e da escrita, que faz determinado indivíduo, diferente do que foi lhe dado anteriormente, em que aparecia o seu significado atribuído ao verbo “letrar”. Essa concepção está diretamente relacionada ao termo alfabetização definidos pelo dicionário Aurélio que se direcionam a analisarem a capacidade de decodificar códigos linguísticos e obter conhecimentos literários. Ao analisar a fala de um dos entrevistados, é perceptível o letramento social: “Na casa de vó tem livro de trabalho, de comida de santo. Painho tem um bucado de livro, revista. Painho escrevia.” Apesar de usar a escrita, a comunidade tem outras formas de letramento, a saber, a cultura oral, os ensinamentos diários no terreiro, a prática do fazer, a musicalidade, entre outras. Tudo isso pode ser compreendido como a prática autônoma do letramento Street (2014).

No caso, o sujeito que escreve o faz não apenas com vistas a tingir um lugar de prestígio na sociedade, mas a escrita tem um papel importante na afirmação do sujeito. Em outras palavras, como formador de opinião e líder de um grupo ao qual faz parte, o sujeito membro do candomblé está em constante formação. Isso foi que pude observar ao fazer essa pesquisa.

Portanto, na alfabetização aprende-se a ler e escrever, já o letramento é mais abrangente, nesse estudo, pode-se afirmar que está relacionado ao fazer das pessoas no terreiro, e como essas exercem o uso da leitura e da escrita no dia-dia. Essas práticas tem uma função social, é perceptível que as pessoas algumas não tem o domínio da leitura e da escrita, mas fazem o uso no grupo social a que pertence, nessa perspectiva que se trabalha os letramentos.

Comparando o contexto histórico e social do candomblé com as contribuições de Street (2014), Soares(2014) e Souza (2011) – que aborda a existência dos diversos letramentos como no Hip Hop, em que essas práticas de letramento são desenvolvidas fora do contexto de escolarização, marcando e fortalecendo a identidade de um grupo e dos sujeitos que nele se inserem e pela sua maioria negra se encontram fora dos espaços privilegiados pela sociedade – , é possível perceber que essas contribuições marcam o início de novos estudos que contemplam a tentativa de inserção, dos grupos sociais que foram historicamente colocados à margem, no processo de construção político e social do país.

Um das minhas interlocutoras nesse processo iniciada na religião quando a entrevistei pela primeira vez e questioneei sobre o uso da escrita para o aprendizado dos fundamentos. Ela ressaltou que não costuma fazer anotações, nem leituras, que o aprendizado ocorreu de forma oral. Contudo, indicou que existem uso de livros e revistas no terreiro em que frequenta e que algumas pessoas fazem uso da escrita para obter o aprendizado.

Aprendi tudo na minha cabeça... olhando, tive ajuda dos irmãos de santo, do pai de santo... Indo lá, olhando, vendo as coisas assim aí depois eu passo. Tem gente que escreve para poder aprender e tem gente que já olha pela primeira vez e já aprende, já vê ali pela primeira vez e já aprende como eu que aprendi logo a fazer. Os mais novos não perdem não nunstane pega. [sic].

O aprendizado através da prática é ressaltado constantemente, mas há de se observar que o uso da escrita aparece em determinado momento na vivência do povo de santo. Talvez isso seja o que Soares (2014) e Street (2014) denominou de Letramentos, o uso da leitura e da escrita que fazem esses indivíduos no grupo social em que pertencem, no caso do terreiro, surge como uma prática de registro da memória. Mas Castillo (2010) afirma que: “a relação entre a oralidade e a escrita no candomblé é frequentemente conflituosa”. A escrita no candomblé, à medida que, por um lado ameaça a sua hierarquização e torna público o sagrado, de outro torna-se necessário para a afirmação e continuação da religião.

Como maneira de resistência pelo histórico de perseguição e extermínio que diariamente se defrontam os terreiros de candomblé, é notável a quantidade de discursos que tornam público o conhecimento advindo dos terreiros, mesmo sendo esse saber religioso considerado secreto. É nesse contexto histórico que acredito que a oralidade se entrelaça com a escrita.

#### **4.1.1 A influência católica: usos escritos**

Como abordado por Castilho (2010) “é inescapável a presença da escrita na prática do povo de santo e isso está relacionado há diversos acontecimentos históricos.” A existência da escrita nos terreiros acontece desde a antiguidade. O candomblé tinha suas convicções religiosas curvadas a uma doutrinação cristã, como os dogmas do catolicismo, já durante esse período é possível constatar o uso de escritos como em “amuletos” contendo orações.

Para entrelaçar ainda mais esse sistema de relações é importante trazer aqui como referência histórica e cultural à Bahia, lugar principal desse estudo. Ao analisar os usos da escrita nos terreiros de candomblé da Bahia é preciso refletir sobre a influência histórica do catolicismo. Na antiguidade; quando negros foram escravizados na Brasil e foram perseguidos, não podendo praticar suas crenças, sendo demonizadas, considerados como pessoas sem almas. “As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente "para a salvação de sua alma” e devia curvar- se às doutrinas religiosas de seus mestres” (Verger, 2002, p. 8). Foi da resistência e sobrevivência desse povo que se originou uma nova cultura, a afro- brasileira.



A extraordinária resistência oposta pelas religiões africanas às forças de alienação e de extermínio com que frequentemente se defrontavam haveria de surpreender a todos aqueles que tentavam justificar a cruel instituição do tráfico de escravos com o argumento de que as suas atividades as dos negreiros “constituíam o meio mais seguro e mais desejável de conduzir à Igreja as almas dos negros, o que seria mais recomendável do que os deixar na África onde se perderiam num paganismo degradante ou estariam ameaçados pelo perigo da sujeição herética às nações estrangeiras, para onde seriam, no mínimo, deploravelmente enviados (Verger, 2002, p.8-9).

A cultura afro-brasileira originária desse Novo Mundo se faz presente até os dias atuais. O poder e influência que exerceu a igreja católica são visíveis nas práticas escritas de orações ou até mesmo nas faixadas que dão nomes aos terreiros e em celebrações como a tradicional festa da Irmandade da Boa morte no Recôncavo Baiano que marca a herança ancestral e a resistência do “povo de santo” na Bahia. A festa da Boa Morte trata-se de uma irmandade católica de mulheres negras, as irmãs representam a ancestralidade de africanos escravizados no Brasil.

Quando visitei cachoeira para realizar a pesquisa, visitei uma casa de candomblé onde o responsável pelo terreiro- Ogã e Pai pequeno da casa que tinha dez anos de cargo e 19 anos de feito me contou que a casa estava fechada, pois a mãe de santo havia falecido, sua filha estava sendo preparada para assumir a casa e logo após estariam na Celebração da Boa Morte. Mesmo sem funcionar ainda, ele abriu a casa e me recebeu, deixando fotografar algumas partes do terreiro onde pude encontrar imagens de santos católicos junto às entidades do candomblé (Vide foto no anexo B). Ao entrevista-lo questionei sobre a presença de registros escritos me mostrou um caderno de orações que continham rezas católicas e relatou que tinham escritos também em iourubá mas que esses eram restritos, só alguns iniciados na religião poderiam ter acesso.

Toda última quinta tem reunião, onde dá a sessão, depois que termina a sessão a gente damos sopão com mingau e o pão. Tem leitura de documento. Temos orações todas escritas também, Mama, Valmir escreve. As orações em Yourubá são restritas. Aqui não permite que a gente mate, só três frangos, couro do animal vai para o atabaque, a carne vai para o povo. Temos uma ata, quando a gente entra fala a vida todinha. Alguns anota as coisa quando está aprendendo [sic].”

Mas para além das práticas dos registros escritos atrelados ao cristianismo católico, ele relatou que o terreiro celebrava a festa da Boa Morte, quando no primeiro momento o Padre iria ao terreiro celebrar a missa e depois eles davam continuidade com os ritos do candomblé. A festa da Boa Morte marca fortemente a manutenção da religião afro-brasileira e o sincretismo com o catolicismo. Na comemoração religiosa além dos cumprimentos a santidade católica fica

nítido vestuário do candomblé em toda celebração. É do interior dessas associações que surgem a assimilação e o sincretismo, como essa presença de imagens, escritos e celebrações católicas atrelada aos rituais do candomblé presentes no terreiro de cachoeira.

Historicamente essa associação entre catolicismo e candomblé foram elementos agregadores da cultura afro-brasileira e símbolo de resistência, pois durante o período colonial os negros aqui trazidos foram proibidos de praticar a sua religião. Não podiam cultuar suas divindades livremente, tendo como forma de resistência associar os seus santos aos santos católicos, já que o catolicismo era a religião oficial da época. Assim exerciam sua fé e mantiveram muitos dos seus rituais até a atualidade. Ainda que nos dias atuais muitos sacerdotes do candomblé desvinculem a religião afro-brasileira do catolicismo, é possível constatar na realidade dos terreiros alguns hábitos que denunciam esses acontecimentos históricos de opressão que acredito que se traduzem para atualidade como maneira de resistência e forma de continuação da religião, como é o caso do uso de registros escritos no cotidiano dos terreiros.

#### 4.2 A ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL E FORMA DE REGISTRO DA “MEMÓRIA” NO CANDOMBLÉ

Considerando a sociedade moderna, é notável uma forte imposição da escrita em todas as culturas. Nessa perspectiva, há de se constatar uma crescente produção textual e prática de registros escritos na atualidade feita por adeptos do candomblé na tentativa de manter viva na “memória” uma tradição e, para além disso, por estarem inseridos em uma sociedade letrada. “[...] A escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (Soares, 2014, p.17). A língua escrita serve para alguma coisa, existe na humanidade para as pessoas interagirem, para registro da memória, enfim, para funções sociais.

Entretanto, o candomblé é concebido por muitos como uma religião em que a transmissão do saber é oral, não importando outros meios de aquisição, como pude perceber através de estudos teóricos e acompanhando alguns representantes da religião em redes sociais. A defesa por muitos é que, no candomblé, o conhecimento é oral não sendo utilizada a escrita para vias do conhecimento.

Nas visitas aos terreiros pude perceber duas questões já abordadas por Castillo (2010) que negam a presença da escrita na transmissão do sagrado: a primeira de que o saber é restrito aos iniciados na religião e a segunda que o conhecimento é oral. Em conversa com adeptos,

quando questionados sobre a existência de registros escritos alguns relataram não poder mostrar e outros afirmavam que o aprendizado acontece de forma prática, através das experiências obtidas na vivência do terreiro. Sendo a religião constituída de um saber secreto obedecendo a uma hierarquia, o conhecimento se torna restrito.

Mas, em uma sociedade, em que a escrita se tornou um bem social indispensável, assumindo um lugar de prestígio e status maior que a oralidade se tornando, assim, fonte de poder e educação como assinala Marcuschi (2010). Como continuar mantendo uma religião concebida como espaço exclusivo da oralidade?

Com base em entender como uma religião com sua base centrada na oralidade se configura em uma sociedade gafocêntrica, em que as relações de poder perpassam pelo domínio da escrita, e essa assume um valor social até mesmo superior a oralidade. No contexto da sociedade moderna, a escrita é essencial para a sobrevivência como retratado por Marcuschi (201). É diante disso que discorro sobre como a religião de matriz africana mantém a sua origem até os dias atuais, preservando os seus conhecimentos e constatando a prática de registros escritos além da oralidade para manutenção das práticas religiosas. Castillo (2010) relata a existência de “cadernos de fundamento” para o aprendizado.

Nesta discussão sobre os usos êmicos da escrita da escrita e da fotografia, esbocei um contínuo, desde os usos mais públicos, visíveis durante visitas passageiras aos terreiros, até os mais privados, até os mais privados, que somente tornam-se perceptíveis através do tempo e de uma aproximação mais íntima (Castillo, 2010, P.87).

No decorrer dessa pesquisa, pude observar desde as consideráveis bibliografias acadêmicas até o uso mais reservado da escrita como os tipos diferentes de cadernos, que assim como constatado por Castilho (2010), há um tipo de documento que diz respeito ao registro do terreiro, como instituição. Nos terreiros em que passei, os adeptos relatavam que possuíam registros, que os reconheciam legalmente, outro registro é o que Castilho (2010), denominou de caderno de *iaô*. Ao entrevistar um dos meus interlocutores nesse processo, questionei ele se fazia leitura ou anotações. Obtive o relato de que no terreiro existe um caderno contendo as anotações das reuniões e que possuía um caderno pessoal, no qual anotava todos os seus conhecimentos de *iaô*, porém ninguém pode ter acesso a esse caderno, pois o conhecimento é restrito.

Sim. Anoto. No terreiro existe reuniões. Nas reuniões tem a pauta das festas, dos materiais que vão usar, pagar. Sempre anoto o que estou aprendendo. Tenho caderno de anotações. Precisa anotar pois não pode errar. O que é usado para orixá, o que orixá

come. Tem caderno de anotações com os ensinamentos, trabalhos como faz, comida, o que vai usar porém não pode mostrar. Guardo o caderno em casa mais ninguém tem acesso, nem os filhos, nem o marido. Leio muito na internet, na internet tem muito mais coisa ligadas a Umbanda mas o que mais se aproxima é o livro de Pierre Verger.

Outro tipo de registro diz respeito ao calendário do terreiro, contendo pauta das festas, rezas, cantigas, materiais utilizados e que serão pagos. Alguns relatam ter atas contendo informações sobre a vida das pessoas quando vão se iniciar e fazem uso de anotações para auxiliar no aprendizado, mas, somente iniciados na religião e dependendo da posição em que ocupam, poderiam ter acesso aos escritos. Ao perguntar um dos meus interlocutores se existia reuniões no terreiro em que frequentava e se fazia leitura ou escrita de algum documento nessas reuniões: “anoto. Tem reuniões. Não tenho tempo pra ler, o tempo é macumba. A mãe de santo anota as coisas, tem professores, universitários que escrevem.” Assim, percebe-se existência desses cadernos de fundamentos, como relatado por Castillo (2010).

Como observado, há muitos adeptos que por estarem inseridos no meio acadêmico, ou seja, aqueles com maior escolarização, dedicam parte de seu tempo na escrita, o que faz com que as produções acadêmicas voltadas a analisar a religião marcadamente oral sejam crescentes, tendo os seus conhecimentos registrados. Entre muitos entrevistados, apesar de relatarem fazer uso da escrita em determinado momento, apenas um dos meus interlocutores nesse processo Ogã de um terreiro, considerou a escrita relevante: “existe reuniões, há documentos. São dados documentos para que eu possa estudar. É algo que questiono muito no terreiro: a leitura de documentos e o uso de anotações para que eu possa aprender. Sinto falta de registros escritos”.

Apesar da considerável bibliografia acadêmica, a etnografia em geral defende o saber no candomblé exclusivo da oralidade, não considerando a escrita relevante. Mas para além, dos discursos que tornam público o saber advindos dos terreiros. Castillo (2010) aprofundou os estudos fazendo uma análise entre a oralidade e a escrita constatando a escrita que tende a desaparecer nos trabalhos etnográfico como uma prática presente na realidade do “povo de santo” desde a antiguidade até os dias atuais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São poucos os discursos que retratam a etnografia das práticas de letramentos no candomblé. As produções textuais advindas de acadêmicos, entre eles, sacerdotes do candomblé defendem uma cultura exclusiva da oralidade não considerando a escrita importante na religião de matriz africana. Certamente, por ser um modelo presente no cristianismo e dada a forte imposição que essa religião exerceu, além de ser considerada uma forma tornar público um saber que é considerado “segredo”; a escrita é muitas vezes rejeitada na comunidade terreiro. Acredito que, por isso, há necessidade de negar a presença da escrita, reafirmando uma cultura oral de base africana trazida a séculos para a América e de maneira violenta. Todavia há de se pensar que essa maneira de conceber a escrita exclui outras funções que esta pode desempenhar quer para o indivíduo que faz o uso, quer para o grupo social que ela seja introduzida.

Nesse estudo foram relatadas as práticas de escrita nos terreiros e suas funções sociais. A escrita é abordada de forma mais ampla, para além da transmissão do saber, significando práticas sociais que inserem o indivíduo no mundo letrado, o que diversos estudiosos como Street (2014) e Soares (2014) definem como Letramento. Esses conceitos sobre o letramento foram desenvolvidos ao longo do presente estudo e marcam uma nova abordagem na forma de avaliar os níveis de leitura e escrita, inserindo culturas como o a presente no candomblé no processo político e social do país. Valoriza-se, assim, todo aprendizado que não parte da escolarização e reconhece que qualquer indivíduo que faz uso da leitura ou da escrita em seu grupo social, é letrado.

São poucos os adeptos da religião que reconhecem o uso de escrito na transmissão do sagrado, muitos mesmo fazendo uso da escrita na sua vivência no terreiro e mesmo aqueles que estão inseridos no meio acadêmico. Por isso, depositam boa parte do seu tempo à escrita nesse meio, acreditam que o uso da escrita no candomblé se traduz como uma medida de revelar o segredo e não contribui para o aprendizado. O aumento da visibilidade dos terreiros ameaça o “segredo” que constitui a saber no candomblé e a sua formação hierárquica. Mas há de se constatar que a etnografia foi importante na construção de uma imagem pública.

Castillo (2010) analisa a presença inescapável da escrita nos terreiros de candomblé, constatado a presença de textos escritos e diversas produções acadêmicas feitas por estudiosos e Sacerdotes do candomblé. As produções escritas sobre o candomblé ainda são mais frequentes no sul, a produção textual de sacerdotes da Bahia são ainda incipientes. Acredito que etnografia do candomblé da Bahia possui um caráter histórico. O objetivo principal desse estudo foi o de analisar se há práticas de escrita entre os integrantes do candomblé. Foi constatado que a escrita

sempre esteve presente no universo dos terreiros. Há de se inferir que a escrita nos terreiros está atrelada a uma forma de registro, não das práticas, mas como afirmação do seu pertencimento histórico e da possibilidade de atingir um público mais amplo, com a tentativa de combater a intolerância religiosa que surge do desconhecimento da história e valores ligados a religião.

Ao ler a obra de Sobrinho (2015), muitas questões históricas retratadas sobre o candomblé na ilha de Itaparica lembrou a minha infância e as relações que através da minha avó foram estabelecidas ali, trazendo um conhecimento e experiência de alguns aspectos que tinha vivenciado sendo aprimorado com a leitura. Desde o conhecimento de alguns sacerdotes até a trajetória que Sobrinho (2015) percorre o terreiro, fortaleceu, acredito, o objetivo desse trabalho, que foi de analisar a escrita como forma de preservação ou traição da tradição. Essa temática é conflituosa, pois levanta variadas concepções, desde os que aceitam a escrita ou fazem uso dela para guardar seus conhecimentos ou para contar a história real da religião de matriz africana.

Acredito que através da escrita é possível obter o conhecimento atrelado à prática, além de ser fundamental para manter uma religião, registrando os seus conhecimentos, pois uma cultura marcadamente oral pode desaparecer com o tempo. A forte imposição da escrita em uma sociedade gafocêntrica contribui para o aumento dos discursos advindos do candomblé. Percebo que há uma preocupação entre os sacerdotes do candomblé, ainda que pouca, em registrar parte das tradições orais em cultura escrita, como retratada em obras como de Rabello (2014).

Sugiro estudos voltados a analisar a marcante presença da escrita nos espaços do candomblé, fazendo um apanhado de sua relação com as culturas orais, dada a complexidade do assunto e para além, se tratando da sociedade moderna, é necessário uma análise mais aprofundada de como essas culturas orais estão inseridas na sociedade moderna em que a escrita se tornou fonte de poder.

Levando em consideração o estudos sobre Letramento é possível dar continuidade ao estudos etnográfico no candomblé, realizando uma análise entre as temáticas trabalhadas na escola, assim, como a alfabetização, relacionando com a realidade histórica dos locais como Itaparica, Recôncavo Baiano e Salvador, onde há a presença marcante dos terreiros de candomblé. É necessário estudos voltados para a área de Linguística Aplicada pois a configuração da religião afro-brasileira na sociedade atual é marcada não só pelo surgimento de produções textuais, mas é possível perceber uma crescente visibilidade também na mídia e nos meios digitais.

## REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil: contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. Trad. Maria Eloísa Sapellato. et all. v. 1. São Paulo: Pioneira, 1960.
- BRASIL, **lei nº 10. 639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.
- CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz, Antônio. **Oralidade e letramento**, 2010. Disponível em :[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/236504/mod\\_resource/content/1/Oralidade%20e%20letramento%20-%20Da%20fala%20para%20a%20escrita-](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/236504/mod_resource/content/1/Oralidade%20e%20letramento%20-%20Da%20fala%20para%20a%20escrita-) Acesso em: 23 nov 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Disponível em: [%20MARCUSCHI%2C%20Luiz%20Ant%C3%B4nio.pdf](#) Acesso em: 23 nov 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)- Acesso em: 18 maio 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Popular, 2007.
- RABELO, Miriam C. M. Enredos e Modos de Cuidado, 2014.
- SANT'ANNA SOBRINHO, José. **Terreiros de egúngún: um culto ancestral afro-brasileiro**. 1. Ed. – Salvador: EDUFBA, 2015.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. 2 Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: FCE-BA, 2002.
- SOUZA, Ana Lúcia. **Letramentos de reexistência: Poesia, Grafite, Música, Dança, Hip-hop** (2011).
- STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás – 6º edição**. 2002.

## **APÊNDICES**



**APÊNDICE A - FORMULÁRIO**

1- Você costuma escrever muito? Se sim em que situações?

---

---

---

---

2- No terreiro onde você frequenta existe reuniões?

Se sim, nessas reuniões há leitura ou escrita de algum documento?

---

---

---

---

3- Na atividade do terreiro você anota alguma coisa quando está aprendendo?

---

---

---

---

4- Você acha importante anotar os ensinamentos, por quê?

---

---

---

---

## APÊNDICE B - IMAGENS

**Figura 1** - Terreiro de candomblé localizado em Cachoeira



Fonte: Própria (2018).